

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS FORMATIVAS

THE REPRESENTATION OF WOMEN IN MEDIA DISCOURSE  
AND THEIR REPERCUSSION ON PUBLIC OPINION

SIBILA ROCHA\*  
SILVIA NIEDERAUER\*\*  
VERA ELIZABETH PROLA FARIAS\*\*

### RESUMO

A presente proposta de pesquisa se enquadra nas preocupações com os atuais processos de publicização do universo feminino e de suas representações discursivas em duas crônicas (uma de Martha Medeiros e outra de Claudia Laytano) em dispositivo midiático de circulação e referenciabilidade no Rio Grande do Sul: o jornal **Zero Hora**. Tal questão está situada no âmbito da problemática educação e mídia, considerando-se que esses dois campos sociais desenvolvem práticas formativas de grande repercussão na construção dos valores sociais. O estudo, portanto, entende que a existência de suportes midiáticos cujas estratégias discursivas se voltam para instituir novas formas de contato dos mais diferentes campos sociais é fonte formadora de ideias, valores e comportamentos. Nesse sentido, refletir sobre o papel da educação pela mídia é focar no trabalho de: constituir em uma espécie de observador do mundo, a partir de operações discursivas inerentes ao seu modo de funcionamento enunciativo. Nessa perspectiva, o universo feminino, apesar da sua existência no âmago da esfera privada, é uma resultante de operações midiáticas que, a sua maneira, midiaticizam e jogam na esfera pública o que até então estava insulado na prática do comportamento humano, nas relações cotidianas e no âmbito do privado.

**Palavras-chave:** Práticas formativas; Jornalismo; Crônica; Feminino; Estratégias de Discurso.

### ABSTRACT

*This research proposal lies within some concerns about the current processes of publicizing the female context and its discursive representations in two chronics (one by Martha Medeiros and another by Claudia Laytano) in a media vehicle of wide reference in Rio Grande do Sul: Zero Hora Newspaper. This question is subsumed is education and media issues, considering that these two social fields have major impact on the shaping of social values. The study, therefore, considers that the existence of media vehicles whose discursive strategies aim to introduce new ways to connect several social fields is a source influence social ideas, values and behaviors. In this sense, reflecting upon the role of this media power is to focus on its job of becoming a sort of observer of the world, from discursive operations inherent to its mode of enunciation. Accordingly, the female universe, despite its existence at the core of the private sphere, is a result of media operations that, in its way, broadcast it throw at the public sphere what was previously insulated in the human behavior practices, in everyday relationships and within the private life.*

**Key words:** Influence on public opinion; Journalism; Chronic; Female; Discourse Strategies.

\* Professora/pesquisadora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

\*\* Professoras/pesquisadoras do Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A descrição das estratégias discursivas em crônicas chama atenção pela sutileza do discurso: pelo implícito e pela subjetividade impregnada nessas discursividades. O significado tradicional da palavra “crônica” decorre de sua etimologia grega – *kronos*: tempo, ou seja, é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica. A crônica, enquanto gênero narrativo de constituição híbrida entre a linguagem literária e a linguagem jornalística, reflete bem o imediatismo da atualidade. Segundo Afrânio Coutinho (2004), a palavra “crônica”, desde o século XIX, sob a atmosfera do Romantismo, acompanhou as tendências das diferentes épocas.

A aproximação de tendências entre o jornalismo e a literatura é fruto de um mesmo ambiente. Esse fenômeno de hibridismo, desde a crônica publicada em folhetins, proporcionou a comunhão entre os estilos literário e jornalístico. Atualmente, a crônica é entendida como texto narrativo de constituição híbrida que aborda acontecimentos humanos, oportunizando uma leitura rápida, quase descartável. Para Antonio Candido et al. (1992), o cronista sempre estabelece relações entre episódios e pessoas, a partir da crônica.

As crônicas contemporâneas, por seus estreitos laços históricos e circunstanciais que as compõem, são importante veículo de estudo e análise do feminino, mote deste estudo, enquanto construção de um novo discurso, que discorre sobre fatos da atualidade, atribuindo-lhes uma reflexão acerca das instituições em crise como a família, a profissão, a política, dentre outros.

O estudo tem como referência duas crônicas (de Martha Medeiros e Claudia Laytano) em perspectivas midiáticas, publicadas no jornal **Zero Hora/RS**, analisadas a partir de **quatro eixos temáticos: a família, o sexo, a profissão e a política**. A escolha desses mapeamentos conceituais são indicadores marcadamente assentados na atual sociedade e correspondem à descrição do feminino em ambientes de relações sociais. A família, desde os anos 30 do século XX, é representada pela literatura e pelo texto jornalístico como fruto de um conjunto de relações sociais em transformação. Desde a literatura intimista, de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, o modelo de relações familiares é questionado: qual o espaço destinado à mulher? Como a mulher se vê inserida no cotidiano familiar? Qual seu real papel?

O sexo, outra categoria temática da investigação, também confere ao universo feminino uma inovadora forma de representação, pois, a partir dos anos sessenta, com o uso do anticoncepcional, a mulher sentiu-se senhora de seu corpo. O sexo passou, então, a representar a possibilidade de encontro do prazer, sem a real consequência de uma gravidez.

A profissão tem alimentado amplos debates sobre o espaço do feminino e sua inserção em diversos campos do conhecimento. A política é outro tema instigante no espaço da cultura latino-americana. Hoje, um número expressivo de mulheres está à frente de nações, representando povos e outorgando a outras gerações o livre passe ao descaminho do conservadorismo e da dominação masculina.

Esses eixos temáticos indicados para investigação possuem originariamente um

mesmo viés: os modos como as mulheres são observadas em suas mutações na representação do feminino na atualidade. Eles se revestem de uma comunicabilidade resultante de fugazes possibilidades de encontro humano.

### **A MÍDIA COMO POSSIBILIDADE DE EXPOSIÇÃO/COMPOSIÇÃO**

O estudo enuncia uma investigação voltada para os modos de endereçamento, por meio de estratégias discursivas, das representações femininas nas crônicas “Marias-Gasolina”, de Martha Medeiros, e “Madeleines”, de Claudia Laytano, publicadas no jornal Zero Hora/RS (2009). Desse material, foi possível conhecer o elenco de estratégias discursivas por elas tecidas para representar as temáticas femininas. Levou-se em consideração o fato de que essas publicações nascem em contextos jornalísticos e, portanto, indicam um processo de midiaticização e representação da temática feminina, pois a existência delas significa escolhas feitas para definir possibilidades de contato e/ou pontos de vínculo com a sociedade. Por esse viés, é possível pensar nas mudanças da “sociedade dos meios” em “sociedade midiaticizada”, que transformam o status das mídias e se convertem de dispositivos de mediação de fatos para atores centrais na construção do discurso público contemporâneo.

Entender essa questão envolve compreender o papel que o campo das mídias apresenta, pelo menos até os últimos trinta anos, nas suas relações com os demais campos sociais. A experiência moderna, constituída pela autonomização dos campos sociais, faz com que se reformulem, substancialmente, os seus pa-

drões de interação. As formas de contato entre eles passam a se fazer mediadas por um outro ambiente, o campo das mídias constituído por tecnologias, atores, saberes e postulados que se voltam para organizar e superintender as relações entre os demais campos, a partir de suas competências tecno-discursivas (RODRIGUES, 2000). Tal circunstância situa a mídia em um lugar representacional, ou seja, aquele que faz não só a articulação com os demais campos sociais, mas também trata de conectá-los com a esfera pública, pelas manifestações do chamado discurso da atualidade. Isso origina a “sociedade dos meios”, cuja vida social resulta da existência dos meios, isto é, uma modalidade de interação que se estrutura e se desenvolve pela presença da ação organizada por essa modalidade de comunicação. Tal presença intensifica-se, largamente, com a complexificação da experiência técnica, com a diversificação de processos interacionais e de novos modos de gestão tecno-simbólicos, afetando a vida societária (SODRÉ, 2002). Nessas condições, os meios se convertem de mediadores em atores centrais, na medida em que suas presenças e referências, enquanto operadores de inteligibilidade, passam a constituir uma organização da ambiência social e, de modo particular, das diferentes práticas dos campos sociais. Os campos sociais deixam de ser mediados pela instância das técnicas midiáticas e suas próprias dinâmicas passam a ser afetadas, já no seu interior e no seu modo de agir, segundo postulados e lógicas da midiaticização.

Por outro lado, os processos desencadeados pela ambiência da midiaticização realizam-se a partir de práticas de dispositivos, convertidos em meios e práticas de comunicação, articulando dimensões técnico-discursivas cujos

fundamentos e operações resultam da própria cultura midiática. Tais processos inscrevem-se no ambiente social e nas diferentes práticas dos campos sociais (educação, religião, política, associativismo, saúde, ciência, etc.), permeando suas construções, funcionamentos e os meios com que contatam outras práticas institucionais e a dos próprios atores sociais. Isso significa que a mediação inscreve-se de modo específico, segundo regimes de discursividades, caucionando e orientando as estratégias e práticas de anunciabilidade e de visibilidade dos diferentes campos sociais, enquanto possibilidades de construção de suas respectivas legitimidades e eficácia societária. Estudos contemporâneos à própria mediação apontam para o funcionamento dessa nova ordem societária. Lasch (2005) chama atenção para elementos da cultura que estrutura a vida social segundo os fundamentos de uma ordem voltada para tecno-interação; Giddens (1991) comenta o papel que tais dispositivos e seus especialistas têm para a conversão de conhecimentos abstratos em realidades estruturadas; Charron (1994) descreve os cenários nos quais diferentes agendas - enquanto estratégias de sentido - organizam as relações e transações dos campos sociais; Verón (1985) pesquisa as condições de mediação do discurso científico, a partir de estudos empíricos, chamando atenção para os processos de apropriação da cultura da mídia, por parte das instituições científicas, ao mesmo tempo em que descreve as operações que cuidam da transformação dessa modalidade de discurso, segundo gramáticas discursivas engendradas pelas próprias práticas do campo midiático.

Já a crônica, considerada equivocadamente como um gênero menor, se comparada aos

demais gêneros narrativos, caracteriza-se por uma leitura rápida, o que não compromete o seu conteúdo e tampouco sua importância. Segundo Antonio Candido et al. (1992), a crônica auxilia as dimensões entre pessoas, lugares, a partir do miúdo, e mostra, em seu texto, uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade ímpar. Contudo, a participação da mulher na produção de crônicas no Brasil, é uma questão muito recente: "A participação se deu com o pós-45 e nossas primeiras cronistas foram: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Helena Silveira e Dinah Silveira de Queiroz" (COUTINHO, 2004, p. 132).

Nesse sentido, a crônica veicula uma leitura marcada pelo mundo contemporâneo, pela fugacidade e pelas transformações nas relações pessoais, profissionais e amorosas da atualidade. A mulher, enquanto voz de referenciais de novos tempos, abre possíveis debates acerca dos temas atuais mais recorrentes. Para Sá (1987), a riqueza da crônica, agora liberta de certas convenções e definições, está na maior liberdade sobre o leitor, que alcança diferentes condições de interpretação, a partir de releituras.

A escrita brasileira contemporânea revela uma série de tendências que convergem na representação do feminino sob a ótica do feminino. A partir do referido recorte tem sido viável a identificação de uma escrita em construção. Desse modo, é relevante que se reconheça a mulher contemporânea como indivíduo que participa ativamente em diversas áreas sociais, até então dominadas pelo masculino. Há discussões hoje de cunho cultural antropológico, econômico, religioso e filosófico que identificam mudanças substanciais em nossa realidade.

A crônica contemporânea revela, então, novos e diversos papéis que a mulher desempenha. Há uma nova maneira de olhar para si e para o outro, o que é um indicativo de que as mudanças estão em franco processo de assimilação e de construção de novos paradigmas.

Conforme Zaira Ary (2000), o percurso histórico das mulheres, no âmbito religioso, cristalizou concepções codificadas em um sistema complexo de normas vigentes no mundo cristão, que regulamentou até mesmo as relações afetivas entre homens e mulheres, ocasionando equívocos, dores e intocáveis desencontros. Vista como “sexo frágil”, a mulher ficou à mercê da força masculina. Desse modo, sua escrita, quando liberta, revela sensações e espaços recônditos, esquecidos e esmaecidos pelo tempo.

A escrita feminina, assim, se traduz em uma rede de revelações e de ânsia de espaço e de voz. As crônicas que serão analisadas envolvem essas vozes, tão marcantes, que discorrem sobre os novos papéis ocupados por homens e mulheres, que estão em pleno movimento, sofrendo alterações resultantes de uma nova condição de vida e de realidade.

Para Stuart Hall (2006), a posição da mulher transformou-se em uma espécie de “politização da subjetividade”, defendendo sua diferença enquanto gênero. Evidentemente, a constituição do gênero apresenta algumas marcas, resultantes desse processo de politização. Há uma espécie de autonomia que precisa ser revelada, via escrita, como força de representação. Hall discorre, também, que a nova escrita pode se entendida como convergência de novos papéis que a mulher passou a ocupar na sociedade contemporânea, na qual as fronteiras têm sido dissolvidas

e outras posições identitárias discutidas e, conseqüentemente, fortalecidas.

A perspectiva atual da escrita feminina envolve o ideário feminino como resultante de um hibridismo cultural que está em pleno desenvolvimento, por uma série de fatores: a globalização, o crescimento da economia, a participação das mulheres em ambientes até então dominados pelo masculino (profissões), a nova ordem social e de organização familiar (menos filhos, por exemplo), a divisão das responsabilidades com os filhos, a partilha das despesas da casa, a participação de mulheres na política, dentre tantos outros.

## A REPRESENTAÇÃO E OS SENTIDOS

A dupla representações-identidades é de complementaridade. As representações têm uma tripla função: de **organização coletiva** dos conhecimentos e dos sistemas de valores; de **exibição/visibilidade** frente à coletividade, a partir de rituais, estilizações de vida e produção de signos emblemáticos; e de **incorporação** desses conhecimentos e valores dominantes em um representante delegado do grupo identitário. Assim se produz a significação social, segundo um processo de normatização que testemunha simultaneamente o que são os comportamentos em seu ritualismo e os discursos que circulam nas comunidades sociais como portadores de descrições do mundo e de valores que o grupo se insere. Nesse sentido, a crônica e outros produtos de nossa cultura, como os livros, as canções, os filmes e as conversações do dia a dia, são construídos a partir de significados e valores que denotam a maneira como uma sociedade apreende a realidade. Ao organizar os valores

e significados sociais no discurso jornalístico, ela reproduz e reitera os valores dominantes em uma sociedade. Nesse processo discursivo, portanto, o jornalismo é um produtor de representações sociais e de sentidos, pois as várias estratégias midiáticas armam uma teia complexa, em que se cruzam significados e valores já existentes na formação de outro sentido. Aprofundar essa questão significa entender como se constroem os imaginários sociais numa relação dialética das práticas e representações entre campos sociais. No que diz respeito ao campo midiático, Charaudeau (2006) explica que “discurso de informação” se dá por meio de “dispositivos de encenação” e permite o vínculo social que estabelece o reconhecimento identitário. Nessa perspectiva, as mídias são partes interessadas na prática social e, de maneira organizada, transformam-se em “máquinas midiáticas” ou “empresas de fabricar informação”. No entanto, a concorrência do mercado as leva a acionarem estratégias quanto à maneira de exteriorizarem as informações, para que se diferenciem uma das outras. Diante disso, determina-se uma tipologia dos gêneros midiáticos, que resulta nas tomadas de posições sobre o que deve ser informado e o modo como será tratado.

Nesse sentido, os sujeitos possuem “um projeto de fala”, ou seja, objetivos mais ou menos claros que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente. Entretanto, caracterizam-se como seres socialmente situados, portadores de identidades e de recursos específicos, que os condicionam na definição de seus cursos de ação.

Charaudeau (2006) define o “gênero de informação midiática” de acordo com o cruzamento entre os seguintes elementos: um tipo de “instância enunciativa”, que está

na origem da informação; um tipo de “modo discursivo”, que consiste na transformação do acontecimento em notícia e pode ser no formato reportagem “acontecimento relato”, editorial “acontecimento comentado” e debate “acontecimento provocado”; um tipo de “conteúdo temático”, que representa a abordagem da notícia e um tipo de “dispositivo”, que está no suporte midiático e suas especificações.

O modelo de análise de discurso de Charaudeau (2006) estabelece que na produção do discurso de informação operam condições determinadas pelo “contrato de comunicação midiático”, que gera um espaço público de informação, em que se constrói a opinião pública. Assim, essa relação contratual define aspectos ligados ao plano situacional (identidade dos parceiros, objetivos e circunstâncias), somando-se ao plano comunicacional e discursivo (maneiras de dizer e estratégias discursivas que serão apresentadas por meio de códigos implícitos, expectativas compartilhadas e institucionalizadas).

No processo comunicacional apresentado pelo autor, há três condicionantes que fundamentam o discurso: o reconhecimento do “saber”, do “poder” e do “saber fazer”. Nessa lógica, formam-se complexos processos de busca pelo reconhecimento do discurso, nas concepções do saber e do poder para o alcance da credibilidade. No entanto, a efetividade de um contrato de comunicação ocorre a partir de uma passagem equilibrada entre os planos macros e microsociais. O atributo da posição macro estrutural ocupada pelo sujeito comunicante se torna relevante somente em articulação com as circunstâncias microsociais em que atuam por intermédio do reconhecimento do sujeito destinatário e da interação e avaliação dos interlocutores.

Com isso, as condicionantes desse processo não passam, de forma mecânica, das estruturas sociais para as ações dos sujeitos, pois necessitam de um trabalho social e linguístico de reconhecimento.

A interação atua na produção de sentido, por meio de uma relação triangular que subordina a referência contextual de mundo à intersubjetividade dos interlocutores. Nessa perspectiva, a intencionalidade dos sujeitos comunicantes fica condicionada a uma dimensão ativa e estratégica que designa o projeto de fala: “fazer fazer” - factivo; “fazer saber” - informativo; “fazer crer” - persuasivo; “fazer prazer” - sedutor. Essas são formas de organização do discurso, que podem ser julgadas mais apropriadas para influenciar os interlocutores.

### **A TRANSFORMAÇÃO DO COTIDIANO EM REPRESENTAÇÃO/INTERPRETAÇÃO**

Nesse viés, as crônicas “Marias-gasolina”, de Martha Medeiros, e “Madeleines”, de Cláudia Laitano, organizam o discurso como instância de articulação entre a linguagem e sua exterioridade, estratégia de captura de sentidos cujos referentes, ainda que operacionalizados pela cultura e disseminados no campo social, abrem-se como possibilidades de nova codificação identitária. Em um movimento de equilíbrio entre os planos macro e microsociais, as autoras filtram e mantêm sentidos que atravessam o discurso de representação do feminino há pelo menos quatro décadas, como processo eficaz de informação, persuasão e sedução de marcas de identificação com seus possíveis e prováveis interlocutores. Por meio de suas crônicas, de “dispositivos de encenação”, buscam o vínculo social que estabelece o vínculo identitário, como possibilidade de

formação da opinião pública. Essa motivação fica explicitada na construção de estratégias discursivas de informação, persuasão e sedução, tendo como moldura um gênero historicamente identificado com a mundanidade e, como conteúdo, a representação identitária do feminino.

Em “Marias-gasolina”, Martha Medeiros tenta desfazer a recorrente trama identitária da modernidade tardia: homem/carro = mulher, e seus implícitos políticos e culturais, como representação do feminino. Essa posição não é nova e muito menos original, já que as questões de gênero - no caso do feminino - circulam na história e na cultura impactadas pela desconstrução do poder enquanto discurso fundador do masculino. Também não é nova, ainda que mais recente, a costura do sujeito ao objeto, especialmente tratando-se de mulheres e sua capacidade de potencializar o masculino.

No entanto, a opção pela crônica, como formatação eficiente para um projeto de fala cuja motivação mais evidente é (des)construir uma representação identitária incômoda, fixada na e pela cultura midiática como inevitável nó - no sentido de produzir/receber/reproduzir - da cultura, resulta, em um primeiro plano, num dispositivo físico viável de sedução de leitores - tamanho e formato ideais para uma leitura rápida. Na deliberada intenção, a autora ape-la para um anúncio de tv, cujo conteúdo é de amplo conhecimento, como significado recorrente no campo social. Facilita, dessa forma, o reconhecimento social e linguístico do conteúdo pelos interlocutores, ao mesmo tempo em que põe em ação uma informação circular, ou seja, aciona significados passíveis de reconhecimento pelo seu trânsito no imaginário social. Nessa intencionalidade, “kombi” se constitui num signo emblemático da arquitetura discursiva

siva, atuando, ao mesmo tempo, como marca reconhecível do inaceitável: “kombi, além de chinelagem, é risco de vida” (MEDEIROS, 2009) - como mecanismo de possibilidades de uma outra representação masculina - “mas isso descredibiliza o candidato na hora?” (Ibidem) - que atinge e altera a representação do feminino. Assim, a autora posiciona-se como sujeito, dando sentido a sua experiência e sugerindo que os sistemas simbólicos tornam possível o que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Perseguindo seu projeto de fala, Martha Medeiros usa como procedimento persuasivo o testemunho da cultura global - esse processo que nos insere na modernidade, quando há uma convergência de culturas e estilo de vida nas sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto: “Na Europa, onde não há essa fissura automobilística que herdamos dos americanos, diversos ótimos partidos circulam de bicicleta e no transporte coletivo” (Ibidem). Implícito na cadeia discursiva se revela o impulso da força persuasiva ao expulsar da modernidade as mulheres que, a despeito de todas suas conquistas, ainda acreditam em representações construídas e fixadas pela história e pela cultura, que se encontram, hoje, inevitavelmente, no campo midiático como lugar de um tipo de endereçamento, mas também de um tipo de origem.

Se as mídias articulam-se no campo social para representar as identidades humanas e seus eventos, Martha Medeiros mostra, por meio de uma abordagem mundana, que é possível inverter a ordem e captar outros imaginários sociais, em relação ao feminino. Com isso, a autora sustenta estratégias discursivas que lhe concedem credibilidade e, mais, que lhe possibilitam a construção de um espaço de formação da opinião pública explicitado de forma categórica no final da

crônica: “[...] só sei que aquela biscate não me representa. E espero sinceramente que a você também não” (Ibidem).

Já a crônica “Madeleines”, de Cláudia Laitano, se constrói no jogo de representações do passado e do presente que se organiza pela voz autoral. Mostrando-se deliberadamente sofisticada - começa citando Proust e a associação entre sensações e memória a partir dos bolinhos *madeleines* - Cláudia Laitano assume um tom compassivo e saudoso em relação às mulheres donas de casa, que ela coloca no passado perfeito enquanto suporte de sentido para a compreensão do constructo histórico da identidade feminina. Como estratagemas discursivos, a identidade é posta de forma relacional, estabelecendo a diferença como marcação simbólica de representação da mulher/mãe de ontem e de hoje, em uma linguagem afinada com as práticas sociais recorrentes.

Como num jogo de espelhos, intercambiam-se representações do feminino de ontem - na figura da mãe - e de hoje - a própria autora; representações marcadas por efeitos de sentido provocados por elementos que derivam da forma da sociedade - com suas instituições e seus modos de organização do poder - erigem um imaginário que afeta os sujeitos e suas representações. A crônica se apresta a consolidar, no âmbito das mídias, o fragmento como índice da vida contemporânea: em “Madeleines”, a estratégia narrativa consiste em dispor dois blocos de significação fragmentados, mas cujo sentido é apreensível na superfície do texto, porquanto a representação feminina se faz nas bordas discursivas do mesmo conteúdo: mulher/mãe.

À mãe cozinheira amorosa e dona de casa atarefada são atribuídas significações do campo afetivo; à filha sofisticada, parece ter

restado as atribuições do cotidiano contemporâneo, no qual as ocorrências se sucedem pontuais e consumidoras como tendência das suas conquistas. O tom afetivo na abordagem da mulher dona de casa estabelece a contradição no interior da identidade feminina moderna, que sublinearmente instaura um processo de negociação com a memória: “Este será meu primeiro Dia das Mães sem o gosto dessa comida insubstituível” (LAIANO, 2009). Noutro dizer, subsistem conteúdos das mulheres do passado que, quando recuperados pela memória afetiva, sustentam a formação do sujeito e tornam presente a competição e o conflito identitário. Essa posição reafirma o pressuposto de Hall (2006), ao enfatizar a fluidez da identidade, de que o significado, embora construído por meio da diferença, não é completamente fixo ou completo, de forma que existe sempre algum deslizamento. “Madeleines” traz para o tecido da crônica o permanente “deslizamento” da identidade feminina moderna posicionada pelas diferentes expectativas e restrições sociais, envolvida em diferentes situações de suas representações, especialmente nas que nos são disponíveis dentro do conteúdo “mãe”.

Na instância enunciativa da crônica, efetua-se uma lógica centrada no cotidiano em toda sua concretude: a filha: “Esta semana, comendo em um restaurante desses que servem para executivos (eles também não almoçam mais em casa)” (LAIANO, 2009), remete-se para uma outra noção de tempo feminino homogêneo e uniforme que servia de matriz à regularização das relações estáveis, especialmente as de família. A autora autentica seu discurso em tempos distintos e seus sentidos recorrentes e residuais da cultura para estabelecer um conjunto de relações interativas tecidas de afetos, emo-

ções e sensações que diluem o racionalismo do feminismo, como espaço de luta, para estabelecer a afetividade como espaço da história da construção da identidade feminina e suas contradições. Um movimento, sem dúvida, sedutor para quem, como a autora, teve - ou transitou pelo imaginário social - “a sorte de ter mães que cozinhavam bem e sempre” (Ibidem).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das crônicas de Martha Medeiros e Claudia Laitano permite algumas reflexões. Inicialmente, lembrar dois aspectos: 1) que as crônicas não eram frequentes nos jornais nem tinham o formato e o conteúdo que apresentam hoje com enorme sucesso e grande número de leitores; 2) que podemos observar uma grande transformação em sua feição.

Nesse sentido, as duas cronistas analisadas tiveram um papel relevante tanto para expandir a leitura de crônicas na grande mídia quanto para reconfigurar os modos de escrever e repercutir nos leitores. Pode-se dizer que elas deram um novo fôlego às crônicas, misturando realidades, inventando estilos, construindo comportamentos e um universo feminino a partir de suas observações.

Dessa forma, o que se pode notar nessa demanda de crônicas é a procura dos jornais de novos e atraentes cronistas, pois a sociedade contemporânea está cada vez mais ávida de informações curtas e rápidas. O mundo moderno tem pressa, tem pouco tempo, quer receber o máximo de informações no menor tempo possível. É a corrida da vida na metrópole. E o jornal e o jornalista seriam a expressão desse novo estilo de vida. Vai longe o tempo em que o próprio texto de jornal estava mais próximo da literatura e de um leitor menos apressado. As cronistas

estão atentas às necessidades de seus leitores, conscientes de seus papéis de observadoras do mundo feminino. Pierre Bourdieu (2002, p. 119) afirma que “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem as coisas”. Seguindo nessa direção, poderíamos afirmar que as crônicas analisadas usam não apenas os óculos de jornalistas, mas de observadoras e mediatizam, por meio da crônica, suas perspectivas da sociedade brasileira, dos fatos, dessas relações com o universo feminino e, conseqüentemente, exercitam um papel formativo no comportamento de determinado grupo social.

Suas crônicas podem ser lidas como um processo de entrada nesse outro mundo feminino, no qual os espaços reservados à subjetividade dentro da imprensa diária estão cada vez mais restritos. A imprensa busca a objetividade acima de tudo, a isenção diante dos fatos. E uma crônica ainda é um território preservado, em que as subjetividades, opiniões e personalidades podem se manifestar livremente. Para o prazer do leitor e com o consentimento do jornal. Mas, sobretudo, como uma prática formativa.

## REFERÊNCIAS

ARY, Zaira. **Masculino e feminino no imaginário católico**. São Paulo: Nablume; Fortaleza: Secult, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antônio et al. **A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Ed UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARRON, Pierre. **Pequeno Tratado de Sabedoria**. Belo Horizonte: UFMG, 1994.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAITANO, Cláudia. Madeleines. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 09 maio 2009.

LASH, Scott. **Crítica de la información**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

MEDEIROS, Martha. Maria Gasolina. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 06 maio 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. In: MONTEIRO DE SANTANA, R. N. **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro/Teresina: Revan/Universidade Federal do Piauí, 2000.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos**, n. 48, Lima, 1997.

\_\_\_\_\_. **Quand lire c`est faire: L`enunciation dans le discours de la presse écrite**. Semiotique III. Paris: IRED, 1985.